

UM ESTUDO SOBRE O VERBO-SUPORTE NA CONSTRUÇÃO DAR+SN

Alzira da Penha Costa Davel*

Resumo: Este artigo apresenta uma reflexão sobre algumas características das estruturas *DAR+SN* do português do Brasil, a partir dos pressupostos do Léxico-Gramática de M. Gross (1975). São examinadas as propriedades distribucionais dessa estrutura, em contextos de uso da língua, por meio de critérios formais que levam em conta os aspectos morfossintático-semânticos, distinguindo-se as estruturas com verbo pleno de verbo suporte e de expressões cristalizadas. As estruturas com verbo suporte são de natureza deverbal e denominal. De modo geral, as deverbais apresentam ideia de atenuação e brevidade das ações como, por exemplo, *dar uma olhada* e as denominais denotam ações de golpe como, por exemplo, *dar uma pedrada*. Os estudos revelam que as estruturas *Dar uma X-da* são também utilizadas como formas modalizadoras da linguagem, constituindo um recurso de expressividade por parte dos falantes nativos.

Palavras-chave: Descrição. Verbo-suporte *dar+SN*. Estruturas Deverbais e Denominais. Léxico-Gramática.

Abstract: This paper presents considerations on some characteristics of *DAR+SN* structures of portuguese in Brazil, starting from Lexicon-Grammar M. Gross (1975) presuppositions. The distributive properties of this structure are examined throughout the usage of language by means of formal criteria that consider the morphosyntactic-semantic aspects, distinguishing the full-verb structure from the ones of supporting verb and crystallized expressions. The full-verb structures are of deverbal and denominal nature. As a whole, the deverbals present an attenuation and sortness of actions, for example, *to give an eyeness (dar uma olhada)* and the denominals present of stroke actions, for example, *to give a stoneness (dar uma pedrada)*. Studies show that structures to give + a(n) X ness (*DAR uma X-da*) are also used as modalizing forms in language, and it constitutes a source of expression for native speakers.

Keywords: Description. Supporting Verb to “GIVE+NS”. Denominal and Deverbal Structures. Lexicon-grammar.

Introdução

Desde a década de 60, as construções com verbos-suporte têm merecido atenção, sobretudo nas investigações germanísticas. Na literatura lingüística francesa, M. Gross (1975) desenvolveu estudos científicos para o Léxico-Gramática, seguindo os pressupostos de Harris (1970), cuja noção foi introduzida com o conceito de “verbo operador” para tratar as relações de nominalização. Nos anos 80, essas construções passam a ser objeto de análise pelos estudiosos portugueses e, no Brasil, começam a vislumbrar horizontes já no final dos anos 90.

* Departamento de Línguas e Letras, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória (ES), Brasil – alzira5907@yahoo.com.br. Orientação: Prof.^a Dr.^a Aucione Smarsaro.

Nesse sentido, muitos esforços já foram empreendidos para a identificação desses fenômenos linguísticos. De acordo com Scher (2004), existem muitos estudos nesse sentido, além das línguas européias, nos idiomas do inglês, mandarim, persa, coreano, dentre outros. Em muitas línguas parece ser recorrente a existência de estruturas com verbos-suporte, cujo sentido é estabelecido e modificado a partir da prática social e dos costumes do falante.

É comum, falantes brasileiros no seu cotidiano dizer e/ou ouvir que ‘Acordou mais cedo para *dar uma caminhada* na praia’; que ‘Os funcionários *deram uma parada* para o almoço’. Essas frases fazem parte da comunicação diária e estão inseridas nos noticiários dos meios de comunicação. De fato, a escolha dessas estruturas (*dar uma caminhada/ uma parada*) é feita pelos falantes de forma natural, sem que se dêem conta de que também poderiam usar formas alternativas como, por exemplo: Acordou mais cedo para *caminhar* na praia; Os funcionários *pararam* para o almoço. Pode-se, então, argumentar que se trata de um fenômeno de alternância sintática bastante interessante e que alguns estudos apontam que essas construções traduzem uma crescente tendência para o emprego de formas alternativas perifrásticas.

Algumas estruturas do tipo *Dar+SN*, que representam um recorte da pesquisa serão avaliadas por meio de alguns critérios formais, no que se refere às propriedades sintático-semânticas e morfológicas, conforme a teoria do Léxico-Gramática, de Gross (1975), a partir de propriedades que estabelecem as relações de ligação entre os componentes da sequência com os elementos da frase em que se encontra e das relações de sentido, a partir da distribuição dos itens.

A seguir, os exemplos ilustram alguns comportamentos que o verbo *dar* pode assumir dependendo do contexto linguístico, como verbo pleno, verbo-suporte ou constituir uma expressão cristalizada.

- (1) a. João *deu um brinquedo* à criança.
- b. Ana *deu um pulo* de alegria.
- c. Ana *deu bolo* em João.

A construção (1a) trata-se de uma construção bitransitiva, com verbo pleno, com a noção de transferencialidade de um objeto, de um destinatário para um receptor. De acordo com Travaglia (2003), o verbo numa construção plena funciona como núcleo do predicado e rege complementos diretos. Tem um comportamento independente e estrutura semântico-

lexical que lhe permite abrir lugares vazios aos seus argumentos, podendo desempenhar sozinho a função de predicação.

A estrutura (1b) *dar* funciona como um verbo suporte. O verbo-suporte é aquele que não constitui sozinho o núcleo do predicado, uma vez que vem seguido de um nome ou um sintagma nominal e passa a depender desse argumento que o acompanha para ter sentido completo (GROSS; VIVÈS, 1986; GIRY-SCHNEIDER, 1986 *apud* NEVES, 2002; 2006).

Os verbos-suporte, portanto, não constituem o núcleo do predicado para o preenchimento da estrutura argumental na construção de orações, porque dividem a responsabilidade da predicação com o nome que com ele compõe a combinatória.

Em (1c), *dar bolo*, o verbo *dar* faz parte de uma expressão fixa. De acordo com os pressupostos da Gramática Transformacional, desenvolvidos por M. Gross (1975), o objeto central da sintaxe são as relações entre frases diretamente observáveis que podem ser julgadas como aceitáveis ou não pelos falantes da língua.

Segundo Gross (1975), uma expressão fixa é não-composicional. Isso quer dizer que o seu significado global não pode ser deduzido do significado dos seus componentes. Assim, são importantes as noções de composicionalidade e de não-composicionalidade:

A noção de composicionalidade diz respeito a uma estrutura em que os elementos podem ser substituídos por outros, que se relaciona à possibilidade de se deduzir o significado de uma seqüência a partir dos significados dos seus componentes. Já numa construção não-composicional, o cálculo do significado total da expressão não pode ser deduzido pelo significado dos seus constituintes. Um exemplo para esse conceito pode ser a expressão *dar bolo*, pois o seu significado – *faltar a um compromisso* - não pode ser deduzido do significado dos seus constituintes.

Os verbos-suporte, para Neves (1999a), são verbos de significado lexical parcialmente esvaziado, que formam juntamente com seu complemento (objeto direto), um significado global que, em geral, têm correspondência com o verbo pleno da língua. A autora afirma que são verbos que “entram na construção de predicções em condições particulares, as quais os retiram do estatuto de centro da matriz predicativa” (NEVES, 2006, p. 58-59), como é o caso da construção abaixo:

- (2) a. João *deu um golpe* no braço do ladrão.
- b. Um golpe no braço do ladrão foi dado por João.
- c. *O braço do ladrão levou um golpe do João.

A partir da estrutura (2a), há uma transformação para a voz passiva, em que o complemento (*um golpe*) passa a ocupar a posição sintática de sujeito, com o verbo *dar* no particípio passado e a inserção da preposição (*por*).

A construção (2c), embora gramaticalmente correta, é inaceitável. Segundo Baptista (1997), esse tipo estrutura que designa ação violenta, em que a posição de complemento indica parte do corpo, não permite a construção conversa com os verbos *dar-levar*. Por estrutura conversa pode-se entender como a inversão da posição sintática entre o sujeito e o complemento da frase, assim como a substituição do verbo-suporte *dar* (*standart*) por outro, como, *levar* (*conversa*). No caso da estrutura (2a), por exemplo, o verbo *dar* é selecionado na construção *standart*; por isso, o verbo *levar* não é aceito em (2c).

Alguns tipos de estruturas *Dar+SN*

As estruturas *dar+SN* fazem parte de um grupo heterogêneo, podendo ocorrer com ou sem determinante. Segundo G. Gross (1988), a escolha dessas formas (ou sua ausência) depende da mensagem que o locutor pretende expressar. Nesse particular, o uso dos artigos estabelece uma conexão privilegiada com a função proposicional da referência que o nome exerce, e as dificuldades do seu uso devem-se ao fato de o nome não exercer a função ‘natural’ nas construções com verbos-suporte. Essas dificuldades são impostas pela rigidez do léxico que revela o uso diferenciado dos artigos, conforme a natureza semântica dos formativos nominais.

Estruturas sem determinante

A ausência de artigo junto ao nome marca, fundamentalmente, a natureza de não especificidade (genérica) de determinados tipos de nomes para designar não um “indivíduo” específico, mas de toda uma espécie. Este uso é comum em casos de nomes massivos, em construções sintáticas como enumerações ou em expressões cristalizadas (CUNHA; CINTRA, 2001). No exemplo, a seguir, tem-se uma enumeração, em que se obtém um efeito de acumulação:

(3) Amigo fiel dá apoio, auxílio, ajuda, atenção no momento exato.

A ausência do artigo, em certas circunstâncias, marca uma característica de generalização, ou seja, a natureza não específica do ato de denotação realizada pelo nome. Nesses casos, a generalização pode ser marcada pela ausência do artigo ou pela sua presença, como ocorre nos próximos exemplos.

Estruturas com determinante

É importante frisar que a estrutura mencionada em (3), sem determinante, também pode se realizar com a presença de determinante (artigo indefinido e definido), como:

(4) Amigo fiel dá (*um apoio/ um auxílio/ uma abrigo/ uma ajuda/ uma atenção*) no momento exato.

O *artigo indefinido* tem uma função distinta, pois realiza nos enunciados uma operação de extração de um elemento singular, indeterminado de certo conjunto, ou seja, possui aspecto disjuntivo (MATEUS *et al*, 2004, p. 163). Já no exemplo

(5) Amigo fiel dá *o* apoio no momento exato.

O nome que é acompanhado de um artigo definido denota um objeto da realidade (extralingüística), tido como objeto único e identificado, ou melhor, designa um objeto específico (ATHAYDE, 2005). Ou seja, o artigo definido está associado a situações de interlocução, a partir do conhecimento partilhado entre os falantes.

O uso do determinante, portanto, marca o grau de referencialidade do nome. No português brasileiro, há algumas estruturas que ocorrem com mais frequência com determinante (artigo indefinido), e que podem também ser pluralizadas, denotando a interpretação aspectual de iteratividade, de repetição como, por exemplo:

(6) a. Ana deu *um grito* de desespero.

b. Ana deu (*uns*) *gritos* de desespero.

Nesse caso, o uso dos artigos pode interferir no sentido de uma estrutura como um todo, e tem relação direta com os diferentes tipos de construção com os verbos-suporte. Pode-se entender que o caráter híbrido das estruturas com verbos-suporte está atrelado à presença ou à ausência dos artigos que servem como determinantes, cuja mobilidade do emprego influencia no grau de integração dos elementos do SN dessas estruturas. Em outras palavras, eles têm relevância na organização da construção e, conseqüentemente, no aspecto semântico delas.

Dentre as estruturas *Dar+SN* existem aquelas formadas por *dar uma X-(a)da* que podem ser deverbais e denominais, cujos sufixos são distintos: (-da e -ada), respectivamente:

Estruturas *DAR uma X-(a)da*¹deverbais e denominais

Segundo Basílio (2002) a grande importância das funções do nome é a de expressar o significado do verbo dentro de uma visão nominal, além de dar ao significado do verbo uma forma sintática de substantivo para configurar determinados tipos de estrutura que o discurso exige. Gramaticalmente, o que possibilita o uso do verbo em estruturas que sintaticamente exigem um substantivo é a nominalização, em estruturas com verbos-suporte.

Nos termos do léxico-gramática (GROSS, 1975), a nominalização é um processo que consiste na transformação de uma frase com predicado verbal para outra de predicado nominal.

Considerando os exemplos a seguir, as estruturas (7a) e (8a), formadas com verbos plenos (predicados verbais) são transformadas em nominalizações (predicados nominais), em (7b) e (8b), com a introdução do verbo-suporte *dar*.

- | | | |
|-----------------------------------|---|--|
| (7) a. Ana <i>olhou</i> o texto | - | b. Ana <i>deu uma olhada</i> no texto. |
| (8) a. Ana <i>enxugou</i> a louça | - | b. Ana <i>deu uma enxugada</i> na louça. |

Do ponto de vista da Teoria Lexical, (7b) e (8b) são estruturas consideradas *deverbais* porque têm como base um verbo (*olhar/ enxugar*). Além disso, observa-se uma diferença semântica sutil entre as estruturas formadas com verbo pleno daquelas constituídas com *dar uma X-da*. *Dar uma olhada/ uma enxugada* permitem uma interpretação de atenuação, de

¹ Para as estruturas deverbais e denominais os sufixos são distintos (-da e -ada), respectivamente; por isso, são usados os parênteses. Para uma visão detalhada, ver Lisboa de Liz (2005).

superficialidade e de diminutivização; enquanto as com verbo pleno (*olhou/ enxugou*) denotam noção de completude.

Os exemplos abaixo, são de estruturas denominais, por isso não se observa o mesmo comportamento:

(9) Ana *deu uma chinelada* no menino - *Ana *chinelou* o menino.

(10) O menino *deu uma bofetada* em Ana - Ana *esbofetear* o menino.

As *denominais* são estruturas que apresentam noção de golpe, de pontualidade e têm como estatuto de base um nome, como (*chinelado, bofetão*).

Uma das principais diferenças entre as duas construções, em geral, é que as deverbais possibilitam paráfrases com verbos correspondentes, o que não ocorre com a maioria das denominais, como: *dar uma chinelada/ *chinelou*. Em *esbofetear*, o nome *bofetão*, ao ser acrescido do prefixo *–es* e do sufixo *–ear*, forma um verbo que denota ação de repetição, de iteratividade.

A questão da ambiguidade

A ambiguidade é um fenômeno semântico que surge quando uma palavra ou um grupo de palavras é associado a mais de um significado. Câmara Jr. (1968), por exemplo, aborda a ambiguidade como a má construção da frase, argumentando que é uma consequência da homonímia, da polissemia e da deficiência de padrões sintáticos. Já Dubois (1973), Greimas (1979), Ilari e Geraldi (1990), entre outros, não analisam a ambiguidade como um “problema” das línguas, mas como a possibilidade de várias leituras de uma mesma frase.

Embora com enfoques semelhantes em alguns aspectos e em outros diferenciados, a maioria dos autores trata da ambiguidade sintática, comentando que a ambiguidade lexical (polissemia e homonímia) se desfaz no contexto linguístico. Os estudos mostram que as fronteiras entre tais construções são bastante frágeis e difusas devido à ambiguidade que muitas palavras apresentam e que, por vezes, têm uma extensão de sentido figurado.

Assim, certas combinações de palavras são ambíguas, isto é, consoante o contexto linguístico, podem ser idênticas do ponto de vista da forma, mas distintas quanto aos significados, sendo de fundamental importância observar se o nome que constitui a estrutura

trata-se de uma metáfora, como também a natureza dos complementos, como se pode observar nos exemplos abaixo:

- (11) a. Ana *deu uma enxugada* na louça - a louça está molhada - a louça está enxuta.
 b. Ana *deu uma enxugada* no texto - *o texto está molhado - o texto está enxuto.

Em (11a) o nome *enxugada* é usado no sentido concreto e o complemento-locativo (*na louça*) é adequado para esse nome, uma vez que *louça* tem a propriedade de ser molhada e, por isso, pode ser enxugada. Em (11b), o mesmo nome é empregado no sentido figurado, ou seja, com uma extensão de sentido, que quer dizer *reduzir o conteúdo* e não *secar*. Embora o nome (*enxugada*) seja o mesmo de (11a), o resultado da interpretação é diferente, justamente porque *um texto* não tem a propriedade de *estar molhado ou seco* como a *louça*. Esse é um conhecimento que só pode ser compreendido com o sentido de *secar* se admitimos uma relação metafórica.

Estruturas *Dar uma X-(a)da* e a modalização

O ato de se comunicar ocorre de formas variadas, influenciado por fatores diferenciados. O que cada locutor expressa se dá de acordo com o contexto situacional (espaço, tempo e sujeitos envolvidos), considerando região, escolaridade, classe social, idade, sexo dos participantes da interação, entre outros fatores. As pessoas, ao interagirem, escolhem certos termos adequados à situação, que são carregados de intencionalidade do falante.

Em linhas gerais, tradicionalmente, a modalização se dá, sobretudo, por meio de marcadores classificados (como advérbios, adjetivos, verbos etc.) que exprimem dever e possibilidades; marcadores esses que estão impressos no próprio enunciado. Os verbos modais expressam a atitude do falante em relação ao que é dito; por isso, eles representam em termos de cumprimento, as funções da linguagem.

O que se pode verificar sobre o tema, é que durante anos, os estudiosos, em busca de definir limites para a modalização, recorreram à retórica e à lógica clássicas como parâmetros principais, separando-os em duas classes de referência: o núcleo duro da modalização (categorias que revelam impacto do sujeito enunciativo sobre as falas que produz como, por exemplo, os verbos modais) e a modalidade diversa (categorias que assumem a característica

modalizadora somente em certos contextos, como exemplo, os performativos, das modalidades de frases e dos atos ilocucionários).

Embora considerando a variedade dos ‘modos de dizer’ para produzir efeitos de sentido, seja intencional ou inconsciente, a modalização é um procedimento de difícil sistematização devido à sua imprevisibilidade, uma vez que a língua em funcionamento provoca ‘lacunas’ nas teorias e, por isso mesmo, está sempre abrindo espaço para inovação.

Neves (1996a), argumenta que o estabelecimento da interação verbal – da troca que cumpre a função interpessoal da linguagem – é o momento em que os interlocutores organizam a mensagem e, ao mesmo tempo, definem seus papéis na interlocução, colocando-se na posição de doador ou de solicitador, de asseverador, de perguntador, de respondedor, de ordenador, entre outros.

Desse modo, a autora aponta para uma noção mais ampla sobre a modalidade na língua, ou seja, ela pode se dar por diferentes formas de manifestação. As construções com verbo-suporte *dar uma X-da* como, *dar uma passada/ uma organizada*, são formas analíticas de expressão, enquanto as constituídas de verbo-pleno são mais sintéticas e de certo modo, mais incisivas. Mesmo sendo formas mais analíticas, o falante tende a escolhê-las porque exprimem um comportamento mais leve, mais ameno e, por isso, modalizadoras da linguagem.

É possível, então, defender que nesse cenário também são modalizadoras as perífrases que compõem com os nomes, as formas nominalizadas nas construções com verbos-suporte, especificamente, as do tipo *dar uma X-da* que, por serem formas atenuadoras, podem se constituir motivações para a escolha por parte do falante.

Considerando a função interpessoal de modalizar o discurso, essas estruturas apresentam-se como modalizadoras, pois elas definem determinados ‘modos de dizer’, sobretudo na linguagem oral, marcando a subjetividade do enunciador, dando contornos mais refinados aos enunciados.

Conforme aponta Scher (2004) e considerando os aspectos semântico-discursivos, as construções com verbo-suporte *dar uma X-da* apresentam uma interpretação de superficialidade, de brevidade, de atenuação de pedidos e de formas diminutivizadas. Por esta razão, pode-se assegurar que essas construções são modalizadoras da linguagem e constituem-se uma das fontes de motivação de uso. Contudo, não é descartada a possibilidade de co-ocorrência com outros operadores modalizadores. Nos exemplos seguintes os efeitos modais contam somente com as perífrases:

- (12) a. Ana *deu uma molhada* no jardim. b. Ana *deu uma arrumada* no quarto.

Essas construções trazem diferenças de significado que, embora sutis, semanticamente são distintas das formas constituídas com verbos-pletos, como:

- (13) a. Ana *molhou* o jardim. b. Ana *arrumou* o quarto.

Em (12a-b) é possível se afirmar que uma *parte do jardim foi molhado*, ou que *o quarto foi brevemente arrumado*, mas em (13a-b) não.

Conforme mencionado acima, o efeito sobremodalizador pode ocorrer pela interação de mais de um operador (modalizadores) como ilustra o mini-diálogo a seguir:

- (14) O quarto precisa ser rapidamente arrumado. Ana vai dar uma arrumada no quarto.

- (14a) Ana, *vai dar uma arrumada* no quarto prá mim? É uma *arrumadinha só*...

Na construção (14a), podem ocorrer duas formações que veiculam, do ponto de vista semântico, dois modos diferentes de modalizar, uma vez que apresentam dois graus de atenuação, em que *arrumadinha* denota uma ação de menor duratividade do que *arrumada*. O verbo *ir*, a *forma interrogativa* e o sufixo *-inha* colaboram para sobremodalizar o enunciado.

Em (14) pode-se ter duas interpretações: a narração de uma afirmação a uma terceira pessoa sobre um ato que alguém irá realizar ou como uma ordem, diretamente à pessoa envolvida que irá executar o ato. A interrogação, em (14a), cumpre a função de solicitar a execução de um ato, agregando também um valor atenuador para modalizar a sentença. No entanto, as perífrases na modalidade *X-da* (deverbais), por si só, traduzem um contorno mais ameno ao enunciado.

A estrutura (14a), portanto, confirma a argumentação de Halliday (1985, *apud* NEVES, 2006), de que quando a linguagem é usada nas funções de afirmação ou pergunta, a sentença toma a forma de uma proposição.

Considerações finais

Este estudo não teve a pretensão de esgotar as discussões sobre as estruturas com verbos-suporte *dar*+*SN*. Ao contrário, buscamos uma breve reflexão a respeito de um tema bastante complexo que já vem sendo investigado em várias línguas (na França, em Portugal e no português do Brasil, entre outras). Consideramos os pressupostos do Léxico-Gramática (GROSS, 1975) e da Teoria Lexical (BASÍLIO, 2002) para descrição morfossintático-semântica das estruturas, no sentido de investigar os procedimentos lexicais e gramaticais nas sequências, em que as variações da estrutura sintática básica são definidas pelas propriedades distribucionais e transformacionais. Alguns tipos de construções mostram que *dar*, apresenta comportamento distinto: como verbo pleno, verbo-suporte e expressão cristalizada. O uso de determinantes (artigos indefinido/ definido) ou ausência evidencia sua relevância para a organização da estrutura, contribuindo, inclusive, para a semântica como um ‘todo’. São também analisadas algumas estruturas deverbais e denominais (*dar uma X-(a)da*), observando-se que são distintas do ponto de vista morfossintático-semântico.

A questão da ambiguidade é mostrada de modo que o mesmo nome pode apresentar mais de um sentido (concreto ou figurado) dependendo do contexto linguístico do qual faz parte. Assim, a duplicidade de sentido pode ser desfeita conforme a natureza dos complementos.

As perífrases *dar uma X-da* (deverbais), em geral, manifestam-se como formas modalizadoras da linguagem, devido ao caráter de atenuação, de diminutivização e de brevidade que denotam. No que se refere às denominais, não é possível garantir a ocorrência da modalização, uma vez que veiculam noção de ações pontuais ou de iteratividade.

Referências

ATHAYDE, M. F. Nomes Predicativos em Português e em Alemão: os nomes predicativos em construções com verbo-suporte preposicionados do português e do alemão. *Caderno n. 15, Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos, Faculdade de Letras*. Universidade de Coimbra: 2005. p. 304-530.

BAPTISTA, J. *Sermão, tarefa e facada: uma classificação das construções conversas dar-levar*. Seminários de Linguística. Faro: Universidade de Algarve, Centro de Automática da UTL – LabEL, 1997a.

BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo. Ática, 2002.

BASÍLIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

CÂMARA JR. M. *Dicionário de filologia e gramática referente à Língua Portuguesa*. São Paulo: J. Ozon, 1968.

CUNHA, C.; CINTRA, L.F.L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DUBOIS, J. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1973.

GREIMAS, A. J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1979.

GROSS, G. Degré de figement des noms composés. *Langages*, n. 90, p. 57-72. Paris: Larousse, 1988.

GROSS, M. *Méthodes en syntaxe*. Paris: Hermann, 1975.

_____. Lexicon-Grammar. The Representation of Compound Words. *COLING-1986. Proceedings*, Bonn, p. 28-38, 1986.

ILARI, R. GERALDI, J. W. *Semântica*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.

LIZ, L. L. de. *Dar uma X-(A)DA*: um trabalho de interfaces. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

MATEUS, M. H. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2004.

NEVES, M. H. M. Estudo das construções com verbo-suporte em português. *Gramática do português falado*. v. 6, Campinas: EDUNICAMP, 1996.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 1999.

_____. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: UNESP, 2002.

_____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

SCHER, A. P. *As construções com o verbo leve dar e nominalizações em -ada no português do Brasil*. Tese (Doutorado em Letras). UNICAMP, Campinas-SP: 2004.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo: Cortez, 2003.